

Naquela invernosíssima tarde de Maio — tratava-se, na verdade, de um Maio pouco florido, nada para graças — Basílio e o nosso célebre detective Pararraios encontravam-se sentados à mesa do café pacato... — Então, meu amo, já despachou a «encomenda»? — perguntou o ajudante sorvendo um golo do café. — Sim respondeu o detective. — A «encomenda» já chegou ao seu destino. É este o primeiro dia de repouso que conheço de há uns meses a esta parte. — O meu amo toma as coisas demasiado a sério — criticou Sópito — Que lhe importava a si que o tempo parasse? Não era nada connosco! Pararraios sorriu... — Pois aí é que está o mal de algumas pessoas: pensarem que nada é com elas. Enganam-se. A-

venil que o acompanhavam na última etapa de aventura, foram da mesma opinião: sim, só havia uma solução! Destruir essa e todas as máquinas infernais que pretendem mergulhar o Mundo no horror do Apocalipse! — Destruir o tempo? Absurdo!!! Criminoso!!! O tempo é a vida, porque vida sem tempo não se concebe! Pararraios ficou assim com o encargo de destruir a máquina diabólica. Arquitectou imediatamente o seu plano: deitá-la ao mar, em local de grande profundidade, onde as redes dos pescadores não chegassem... A água salgada deterioraria o perfeito mecanismo — as areias do fundo sepultá-lo-iam — o silêncio cobri-lo-ia com o seu manto impenetrável... — Ninguém me acompanhará — ordenou Pararraios. — Desculpem,

bater, dirigiram-se ao café pacato, onde os encontramos no início desta crónica. Chegava precisamente o rapazinho dos jornais, Comprou o «Diário de Lisboa». Nele, duas notícias chamaram a atenção do detective.

mentais. A sua última preocupação consistia em que seu marido inventasse uma máquina de prolongar o tempo. A verdade é que o dr. Don Ó Doel deixou, há vários anos, a investigação científica. A segunda notícia vinha do Ha-

drilha internacional, se entregava ao contrabando de pérolas. Segundo declarações prestadas, afirmou ser possível um contrabando em larga escala daquele artigo. «Eu mesmo fiz a experiência — declarou — passando a alfândega de

# O mistério da bengala de bambu (XXV)



Uma, era de Nova York: «No município de St. James, faleceu a viúva do sábio Don Ó Doel, que há meses dava mostras de distúrbios

cem países com determinado objecto das mesmas dimensões escondido na minha bengala oca, que um grupo de pequenos «gangsters» chefiados por um louco, me arrancou em Lisboa. — Compreendes? — e Pararraios sorriu, piscando um olho — Quem fazer crer que o tal pequeno objecto era inofensivo... Neste instante, um homem de feições descompostas, aproximou-se da mesa do detective: — É o grande Eusébio Pararraios? — Eu próprio. E o senhor? — Arlequim Fogueite. — Bem sei, o sábio que prepara as viagens aos mundos distantes... — Isso mesmo. Ainda bem que o encontrei senhor. — Porquê? — Porque um perigoso criminoso acaba de fugir da Terra dentro de um foguetão construído por mim. Pararraios levantou-se. «Mau, mau!» rosno Basílio, que via rir todos os sonhos de tranquilidade e bife. A aventura que desejávamos contar terminou aqui. A que se segue é ainda mais sensacional. Mas isso é outra história, como veremos... F I M

## As aventuras são como as cerejas

ra, tudo é connosco! Cada um de nós tem responsabilidades num pózinho que se levante a milhares de quilómetros de distância... Basílio fitou o ano, «Compreendeu-me, finalmente!» — pensou este. Mas o pensamento do ajudante fora outro: «Está doente. Mas uns meses de repouso vão-lhe fazer bem». — Que «encomenda» era aquela a que Basílio se referia? Conta-se em duas palavras. Após se ter apoderado do cubo de marfim, que encerrava a máquina de fazer parar o tempo, Pararraios manifestou desejos de a destruir. Todos os «Amigos» do Ju-

mas faço questão. Que para sempre se ignore onde repousa a máquina da morte... Dirigiu-se a Cascais onde alugou um barco a motor. Andou pelo mar alto o dia todo. Quando regressou, deu uma palmada alegre nas costas do ajudante: — Hoje acompanho-te. Vou comer um bife — se não for muito grande, evidentemente... Basílio gaguejou de emoção... — Meu amo! Começou agora a achar gosto na vida! Escrevo esta data no seu canhenho!! Foram. O detective comeu uma rodela de carne e bebeu um copo de vinho. Estava eufórico. Para re-

vre, França, e informava ter caído ali nas malhas da Polícia um japonês, um tal Sum Wi «que há muito tempo, a serviço de uma qua-

# Concurso da semana DIARIO DE BORDO

## Gente Nossa



Junto à amendoeira em flor em flor apertado a um coração fala de vida e de amor e de amor o dobrar do acordeão.

Semeia pelo caminho no caminho que vai da serra para o mar o alegre corridinho corridinho de saltar e de bailar...

Há naufrágios, isso há isso há.

Passa lá o conserveiro. Mas a alegria por lá essa, lá nunca desce do poleiro!

Vá não esteja triste, moço lindo moço!, venha cá ao pé de mim. Venha cá! Se o dia é nosso — e bem nosso! — orga o pé e bata assim...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, à seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 6 de Junho.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO JUVENIL N.º 107: I — GENTE NOSSA: LISBOA; II — GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: EDGAR POE

- ### VENCEDORES
1. — Amigo 1437 — Mário Martins de Carvalho (Lisboa).
  2. — Amigo 197 — Alexandre Gastão Pessoa Guerreiro (Faro).
  3. — Amigo 1612 — José Manuel Marques (Lisboa).
  4. — Amigo 1613 — António Wollosky (?)
  5. — Amigo 963 — Alice Vassalo Pereira (Lisboa).
  6. — Amigo 1430 — Maria José Palla e Carmo (Lisboa).
  7. — Amigo 1614 — Maria José Catroga (?) Inês (Lisboa).
  8. — Amigo 1050 — Olga Maria Correia Martins (Lisboa).
  9. — Amigo 1602 — Maria Rita Pereira (Lisboa).

- ### PRÉMIOS
- 1 e 2 — «O ANÃO», de Par Lagerkvist, de ESTUDIOS COR.
  3. — «ISABEL», por André Gide, de ESTUDIOS COR.
  4. — «PASCOA FELIZ», por Rodrigues Miguéis, de ESTUDIOS COR.
  - 5 a 9 — «O GARDEN-PARTY», por Katherine Mansfield, da PORTUGALIA EDITORA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE EDGAR POE:

10. — Amigo 1539 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto).
10. — «A VIDA DE TOULOUSE LAUTREC», por Lawrence Hanson, de ESTUDIOS COR; «VIGDIS, A INDOMAVEL», por Sigrid Undset, de ESTUDIOS COR.

NOTA AOS PREMIADOS: os Amigos de Lisboa podem levantar os seus prémios na Av.ª de Roma, 78, 2.ª, Esq., todos os dias úteis, das 9 às 19 horas, excepto aos sábados que só o poderão fazer até à 1 hora da tarde. Os prémios estão às ordens dos premiados, 5 dias a partir desta publicação.

- Amigo 1446 — Maria Esmeralda Moreira da Costa: Aqui tens o teu numero. O teu irmão não estava inscrito. Fica agora com o numero 1458.
- Amigo 59 — Dunia Rosales Viagas (Faro): Não nos é possível publicar os trabalhos premiados por falta de espaço. Em geral são trabalhos muito extensos.
- Amigo 1612 — José Manuel Marques (Lisboa): Não estavas inscrito. Nem sei se o teu nome será este. Por vezes assinam de tal maneira ilegível, que não podem ser inscritos, pois falta logo o principal elemento. Manda dizer se o nome é bem este.
- Amigo 1613 — António Wollosky (?): É favor mandar a morada.
- Amigo 856 — Francisco José Fernandes: A primeira vista tens razão; mas só a primeira, pois já sabes, tu que és dos amigos «velhos», a falta de espaço com que lutamos e a imensidade de trabalhos que semanalmente recebemos (Portugal é um País de escritores). Manda uma fotografia do entrevistado, o mais depressa possível, sim? O que lizes

da critica aos trabalhos não é justo, pois não há parcialidades no Juvenil. Muitas vezes o silêncio sobre certos trabalhos quer apenas dizer que a crítica não interessaria. É difícil de explicar, mas nem todos aceitam, da mesma forma, a sinceridade. Nem mesmo quando dizem apreciá-la... Maria do Céu Alvares da Guerra: É muito pouco o que dizes de ti. Manda a idade, morada, ocupação. Só com estas indicações, poderás ficar inscrita. Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): Lamento o que sucede ao livro. E possivelmente, o outro extraviou-se. Manda dizer que livro era, para te mandarmos novamente pois de certeza ele foi mandado. Julguei que a tua família tinha ficado em Lisboa e que, portanto, seria mais fácil mandar-to sem o perigo de o perder. Amigo 1573 — José António Cartaxo Vicente (Lisboa): É favor indicar os livros a que te referes. Temos em nosso poder «Os Pioneiros». Se quiseres aparecer, será mais fácil deslindar a confusão.

Livros que devem ser levantados: Dos amigos Paulo de Almeida (Lisboa), devolvido; Luís A. da Silva (Lisboa), devolvido. Luís Fernando dos Santos (Torres Vedras), sem morada. Maria Emilia Rodrigues, idem; Maria Matilde Pessoa de Figueiredo, idem; Candido Augusto Carneiro, idem; Natália de Sousa e Costa, idem; Vítor João Lourenço de Araújo, idem; Maria Teresa de Oliveira Lemos, idem; Maria do Céu Alvares, idem; Jaime Teixeira da Silva, idem; Luís Marques Ribeiro, idem; José Alves, idem; António Veiga Esteves, idem; Manuel Pena Costa, idem. Os amigos de Lisboa podem levantar estes livros, na Avenida de Roma, 87, 2.ª, esq., todos os dias úteis das 9 às 19 horas, excepto aos sábados que só o poderão fazer até à 1 hora. Os da província devem mandar as moradas completas. Os amigos premiados nos três últimos concursos devem levantar os prémios, o mais depressa possível, para evitar confusões. Os da província seguiram todos. É favor acusarem a sua recepção.

# Crítica do João

— Ora viva, amigo João!  
— Viva.  
— Tão seco?  
— Tenho cara de barómetro?  
Ih, como ele vinha! O melhor seria evitar as conversas supérfluas e atacar logo o assunto, isto é, a crítica aos trabalhos dos nossos amigos. Amansa logo, querem ver!  
— Então que temos nós hoje para criticar?  
— Criticar não é bem o termo.  
— Pois?  
— Ralhar. Ralhar é o que eu vou.  
— Sou todo ouvidos. Como se chama o amigo autor do trabalho?  
— António Henriques Damião.  
— E o trabalho dele?  
— «Futuro ou derrota».  
— Cotação literária?  
— Bem, para começar, devo dizer que não vem a propósito, neste caso, fazer uma crítica quanto ao aspecto, digamos, «exterior» do trabalho. É o conteúdo dele que me interessa agora.  
— Mas tu sabes que o conteúdo não é independente da forma.  
— Sei muito bem.  
— E que a forma...  
— Mas dessa forma nunca mais acabou! O que eu quero é criticar o ponto de vista do Henrique Damião em relação à luta dos homens por uma vida melhor, mais digna de chamar-se vida...  
— Então que diz ele?  
— Ora escuta: «Todos nós lutamos e temos esperança num mundo melhor, mais belo, onde a Paz e a felicidade andem de mãos dadas».  
— Mas...  
— Ouve... «Sinto e creio que a vida, tal como a levamos presentemente, não está bem. O pobre, o burguês, o filó-

sofo, o intelectual, o pintor, o escultor, todos os homens ambicionam o tal mundo de Paz e de felicidade. Nunca o encontrarão».  
— Não apoiado!  
— Cala-te e ouve primeiro: «Porque lutamos? Porque temos esperança num mundo melhor? Sei que esse mundo, o mundo bom, jamais existirá. Creio em todos os que lutam e sonham, eu próprio luto e sonho com eles, mas seremos desiludidos».  
— Que te parece?  
— Devo dizer que citei as frases mais significativas.  
— Percebi. Que te parece a opinião do António Henriques?  
— Quero ralhar com ele. Se não acredita naquilo por que luta, então porque luta? E' como se dissesse: «luto sabendo embora que a minha luta leva à derrota... Entre um futuro bom e um mau futuro, escolho o primeiro, embora saiba que o não atingirei nunca...» Ora bem. Essa atitude não está de acordo com a juventude do Henrique Damião. A Juventude — sinto-o, talvez por também ser jovem — vai tomar conta do mundo, da vida, vai continuar a obra dos seus antepassados. A confiança na vida, na vitória, é uma das grandes qualidades nossas... Quando ela falta há um perigoso desequilíbrio que se reflecte na própria vida, na marcha do homem...  
— Aliás...  
— Deixa-me continuar. O Damião diz não ter esperança no futuro, mas tenho

um dedo que me diz que o futuro tem muita esperança no Damião. O futuro, meu amigo, forja-se no presente, já o dizia Vítor Hugo que, mesmo de barbas brancas nunca chegou a velho — porque nunca perdeu a esperança no futuro... Pelos vistos, tu pensas muito nele — é porque o amas. Isso vale muito, acredita. O resto virá por acréscimo.

# Outra vez Joana d'Arc

No primeiro inquérito que fizemos aos nossos jovens amigos verificámos que Joana d'Arc era um dos heróis favoritos das raparigas portuguesas. Com efeito na resposta à seguinte pergunta: — Qual o teu herói preferido? O nome mais vezes repetido era o da Donzela de Donremy. Todas essas nossas leitoras já este ano tiveram o prazer de encontrar um belo livro sobre Joana d'Arc, ou melhor, sobre a vida em França no tempo da grande heroína. Agora passar a ter à sua disposição um livro sobre ela. O autor é bem conhecido da nossa juventude: Erico Veríssimo. Isto quer dizer que, além de uma «VIDA DE SANTA JOANA», os nossos leitores terão mais uma oportunidade de ler um grande livro, um grande romance. A «Vida de Santa Joana», de Erico Veríssimo é mais um volume da Coleção «Livros do Brasil», editada por Livros do Brasil, Lda.